

# ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE  
Em Lisboa  
**Anibal Cruz**  
Beco dos Clérigos, 5-A  
Correspondentes em Aveiro, Povoia, Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

<b>ASSINATURA</b>	Proprietário-Director e Administrador <b>José Ma ques Damião</b>	Redactor e Editor <b>António da Costa Pinto</b>	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS <b>Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO (CACIA)</b>
Ano, série de 50 números . . . . . 20\$00 Semestre, série de 25 números . . . . . 10\$00 Estrangeiro, ano 50 números . . . . . 50\$00 Colónias . . . . . 30\$00	O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto	O «Ecos de Cacia» é o mais desenvolvido noticiário de todas as terras da sua região.	Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

## ECOS & NOTÍCIAS

### NATAL DOS NOSSOS POBRESINHOS

Conforme os anos anteriores, vamos abrir nas colunas do «Ecos» uma subscrição a favor dos pobresinhos da nossa freguesia, atendendo que é tradicional no dia grande da Família os corações generosos socorrer os desherdados da sorte.

Por isso mais uma vez apelamos para os nossos bondosos leitores, na esperança que qualquer óbulo nos seja enviado para esse fim, e vamos enviar a alguns amigos do *Ecos de Cacia* listas de subscrição.

O dia de Natal bem merece ser consagrado por aqueles que sentem as dôres alheias, dando um pouco do seu bem-estar aos pobresinhos nossos conterrâneos, que naquele dia festivo não têm um pão, sequer, para passar o Natal, e por isso o nosso apêlo será atendido.

«Ecos de Cacia» 20\$00

**MAJOR AFONSO LUCAS**

Há dias conferenciou com o sr. Ministro do Comércio e Obras Públicas, sobre assuntos de interesse público, o illustre amigo da nossa Região sr. Major José Afonso Lucas.

**ASSEMBLEIA NACIONAL**

Abriu solenemente na última segunda-feira a Assembleia Nacional para a segunda legislatura do Estado Novo. Inaugurando-se também os importantes melhoramentos do Palácio das Cortes.

**ABENÇOADO HOMEM**

Faleceu em Pessegueiro do Vouga o sr. António Jacinto, conhecido empreiteiro de obras de construção civil, que deixou descendência numerosa—85 filhos e um grande número de netos e bisnetos.

Abençoado homem que morreu com pouco mais de 80 anos.

**BISPADO DE AVEIRO**

Preparam-se grandes festejos para o próximo dia 11 do corrente, a fim de solenizar a restauração do Bispado de Aveiro e receber o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, illustre aveirense que ficará sendo Administrador Apostólico.

## A fébre do... negócio

Disse Oliveira Martins que o português era essencialmente «um logista». E de facto, através da história nacional, sempre a nossa gente tem revelado manifesta propensão para o negócio, por vezes com grave prejuizo para a vida económica da nação. Na época dos descobrimentos, os portugueses ao chegarem à Índia esqueceram completamente as directrizes colonizadoras marcadas, inicialmente, pelo Infante D. Henrique e entregaram-se a negócios. Convenceram-se que podiam enriquecer sem trabalhar e abandonaram tudo—indústrias nacionais e agricultura—pelo trato das especiarias, e do ouro, apesar das reacções sublimes de Albuquerque e de Castro. As conseqüências não se fizeram esperar. O «negócio» começou a decair, e no fim de contas Portugal não lucrou nada com o descobrimento da Índia—sob o ponto de vista económico. Quem lucrou foram os outros povos, que, mais sensatos e prudentes, cuidaram de aproveitar, ultimamente, as riquezas das colónias.

Ora, em nossos dias, a mania de «negócio» ainda perturba a cabeça de muito boa gente. Já se viu, durante a Grande Guerra, a onda de «comerciantes milicianos» que afogou Portugal. Muitos negociavam até mercadorias... hipotética! Quasi porta sim, porta não, havia famosos escritórios de comissões, consignações, conta própria—que ninguém sabia, ao certo, que género de produtos transacionava! Os próprios particulares tinham a febre do negócio e não vendiam a alma ao... demo, porque operação não interessava a ninguém!

Houve gente que chegou a ter a doce ilusão de que aquelas transações improdutivas representavam... riqueza. Mas a realidade depressa demonstrou que não. Veio a crise e a febre dos negócios descreceu.

A pesar-disso, no fundo, o «portuguesinho valente», aspira sempre a instalar uma lojeca, da qual viva. Ora a maior parte das vezes esta paixão é-lhe fatal. Principalmente, na provincia a mania do... negócio perde e arruína muita gente. Qualquer individuo que vem do Brasil, da Argentina ou da América—com uns contos de reis amealhados à custa de mil trabalhos e privações—resolve, ao chegar à sua terra, montar um estabelecimento. Afigura-se-lhe que é essa a melhor maneira de multiplicar os seus escu-

dos, sem canseiras e sem trabalhos... Sempre a fascinação do... negociol

A's vezes a aldeia ou vila tem lojas mais do que suficientes para satisfazer as necessidades locais e sabe Deus com que dificuldades eles lá vivem. Emboral—êles estão cegos e não vêem isso! Abrem a loja—mercearias, tasca ou estabelecimento de fazendas e durante os primeiros dias têm a falaz ilusão de que prosperam num mar de... rosas. Os curiosos e mirones vão atrás da novidade. A freguesia é numerosa e tudo corre bem; êles são novos naquela... regedoria e julgam que todo o dinheiro que entra na gaveta... regedoría e julgam que todo o dinheiro que entra na gaveta é... lucro! Mas quando os «fiados» começam a crescer no livro e chegam as primeiras letras vencidas—então é que atam as mãos à cabeça.

Estes casos são frequentíssimos por esse país fora: contam-se aos centos. Há criaturas que vendem quanto têm para abrirem uma loja; estar por trás de um balcão a palestrar, é officio mais leve do que administrar uma casa de lavoura ou trabalhar num officio. Mas com semelhante imprevidencia só conseguem arruinar-se. Em algumas terras mortas, sem vida, as lojas abundam, como cardumes, «matando-se» umas às outras!

E o consumidor vê-se então perseguido, por uns e por outros, para comprar no estabelecimento A ou B ou C! Há zangas,—cortes de relações, conflitos pessoais e cartas de recomendações!

Está claro que a corda quebra sempre pelo mais fraco. Consumidas as últimas moedas do capital, surgem as dificuldades, os credores, concordatas, a miséria. E os comerciantes improvisados, queimado todo o seu pecúlio, têm de emigrar de novo para as Américas ou transformam-se em proletários.

¿Não teria sido preferível empregarem os seus capitais noutras actividades fecundas ou em terras, consagrando-se à agricultura? ¿A lavoura rende pouco? E verdade que sim—mas é valor mais sólido. Exige trabalho, mas não leva à miséria. Não enriquece, mas não desgraça.

O comércio não cria riqueza e Portugal carece de aumentar o seu potencial económico. Comerciantes há mui-

(Conclui na 2.ª pág.ª)

## ECOS & NOTÍCIAS

### COBRANÇA

Avisamos todos os nossos prezados assinantes e anunciantes de que vamos proceder à cobrança de todas as assinaturas referentes ao 18.º semestre, algumas já vencidas e outras prestes a isso.

Pedimos a todos estes e em especial áqueles cuja cobrança é feita pelo correio, a fineza de satisfazerem o seu débito logo que lhes seja presente o recibo ou o aviso do correio, a fim de nos evitar a novas despezas; o que antecipadamente muito agradecemos.

**PRÉSIDENTE DA REPÚBLICA**

Por ter passado no dia 24 do mês último o aniversário natalício do venerando e illustre Presidente da República, sr. General Oscar de Fragoso Carmona, o Governo, corpo diplomático, representantes das juntas de freguesia, officialidade do exército, marinha e outras individualidades, prestaram a S. Ex.ª uma carinhosa manifestação na cidade de Cascais.

**«O ILHAVENSE»**

Completo 27 anos de existencia o nosso colega «O Ilhavense», do sr. José Pereira Teles, e que tão brilhantemente defende os interesses de Ilhavo.

Parabéns e desejamos-lhe longa vida cheia de prosperidades.

**CABELO RAPADO**

Num concelho do alto distrito e numa povoação de gente docil, deu-se há dias um caso deveras picaresco.

Um numeroso grupo de habitantes de certa povoação deu demasiadas largas ao seu espirito folgasão no dia de S. Martinho. Um copito aqui, um copito além... puxa de cá... puxa de lá... até que houve mosquitos por cordas em todos os habitantes!

No dia seguinte o grupo (eram umas trinta e tantas pessoas) foi presente à administração do concelho, onde haviam chegado os ecos da brincadeira.

A autoridade, que tinha um barbeiro de prevenção, ordenou ao illustre *coiffeur* que procedesse ao corte do cabelo dos assistentes, o que êle cumpriu, servindo-se duma máquina número zero!

Ora aqui está um castigo suave mas que provocou gargalhada a muita gente de juizo e sizada, pois no número dos castigados por este extranho processo, figuravam homens casados e de certa idade a quem o cabelo rapadinho, dáva uma feição caricata.

## VIDA POR VIDA

## Heróis de Portugal

Quem desconhece o terrível sinistro de Marselha, onde perderam a vida, dezenas e dezenas de pessoas?

Quem desconhece essa horrível catástrofe, onde se espalhou o luto em dezenas e dezenas de famílias, e centenas de crianças orfãs?...

Quantas misérias não teriam sugerido, com esta terrível tragédia que enlutou toda a França?

Foi tão rápido o sinistro, e tomou tais proporções que todo o material existente nesta cidade não bastou (aliás muito pouco para uma cidade de tantos habitantes) que foi necessário chamar material a centenas de quilómetros. E tudo porquê? Pela insuficiência de material existente no meio de uma tão grande população...

Felizmente o nosso país, podemos dizer: *está bem montado o serviço de incêndio*, não só no Batalhão Sapadores Bombeiros de Lisboa que bastas vezes têm demonstrado ao mundo a maneira arrojada como entrega a sua vida à disposição do seu semelhante.

Mas é preciso notar-se que não são só estes que assim se arriscam. Há outros cujo valor não é inferior. Trata-se dos nossos muito conhecidos *Bombeiros Voluntários* que com um fim unicamente humanitário se arriscam tantas as vezes quantas necessárias.

São estes para quem se deve olhar com mais interesse pois que, vivendo num meio financeiro precário, lutam incessantemente para adquirir os apetrechos necessários, para no momento de sinistro, estarem prontos a morrer para salvar as vidas.

E estes homens que assim lutam pelo seu semelhante vêm-se na triste situação de terem só *meia dúzia de amigos* a coadjuvalos.

Estou pelo que diz um muito conhecido bombeiro voluntário de Lisboa:

—«Se um dia tiveres fogo em casa, por quem chamas?...»

E a resposta não se faz esperar:

—«Chamo os bombeiros...»

Para mim esses homens têm o máximo do valor. Pois são, *os Heróis de Portugal*.

E, agora, perguntará o leitor: serei eu também Voluntário?

Não, não sou. Apenas sou um admirador desses homens de valor que amanhã estarão prontos a socorrer o meu lar quando estiver em chamas.

22 Novembro 1938

Fernando F. Costa

## Padaria

Trespasa-se uma cosendo 100 k. de farinha num dos importantes bairros de Ovar e isolada das suas congêneres, bem localizada e atregueada. Este trespasse é feito pela retirada urgente do seu proprietário. Para tratar só com o mesmo, rua Júlio Diniz, 149 Ovar.

(2)

## Concurso de cartazes alusivos às comemorações de 1940

— ● —

Do Secretariado da Propaganda Nacional recebemos, esta semana, para publicarmos, o programa para o concurso de cartazes alusivos ao Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal, a comemorar no próximo ano de 1940, que diz o seguinte:

A Comissão Executiva dos Centenários abriu, por intermédio da sua secção de Propaganda e Recepção, um concurso de cartazes alusivos às comemorações de 1940.

Os projectos de cartazes a afixar em território português ou de língua portuguesa deverão traduzir, a par da grandeza das datas a comemorar e da sua projecção na história universal, o facto de se tratar da «grande festa nacional, festa para os portugueses de todo o mundo.» Apresentarão a seguinte inscrição: «1940—Festas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal.»

Os projectos dos cartazes destinados ao estrangeiro, pon-

do em relêvo a grandeza e a significação das datas a celebrar, devem inspirar-se na inscrição: «En 1940—Le Portugal aura huit siècles d'Histoire».

São estabelecidos para este concurso os seguintes prémios indivisíveis: dois primeiros de 5.000\$00, cada um, respectivamente, para o melhor cartaz destinado a Portugal e para o melhor a afixar no estrangeiro; dois segundos, de 2.500\$00 cada um; e dois terceiros, de 1.000\$00 cada um, a distribuir nas condições dos dois primeiros prémios.

Os trabalhos serão apreciados por um júri constituído por quatro artistas e críticos de arte de reconhecido mérito e presidido pelo director da secção de Propaganda e Recepção, que apenas intervirá em caso de empate.

O prazo para apresentação dos projectos—que devem ser executados no formato de 90 c. x 120 c. e para o máximo de sete cores—termina no dia 15 de Janeiro de 1939.

LER E PROPAGAR O ECOS DE CACIA É UM DEVER DE TODO O CACIENSE.

## Poentes d'Outono

— ● —

*Avermelha-se o mar, à luz do sol poente,  
E o seu bater ardente,  
Nervoso, incessante,  
Acalma um pouco mais, e ostenta ao fim do dia  
Toda a melancolia  
De tão suave instante.*

*¡Quem não há-de sentir bucólica tristeza,  
Ante a ideal beleza  
Das tardes outonais!*

*Ao longe, o arvoredado, isento de folhagem,  
Dir-se há a imagem  
De sombras espectrais.*

*¡Custom tanto a findar essas tardes saudosas,  
Tristes, silenciosas,  
De luz fraca, esbatida!*

*Vem-me à idea, até, o pobre agonizante  
Que no supremo instante  
Não quere deixar a vida!*

*Paira sobre os casais, religiosamente,  
Um ar vago, dolente,  
De paz e amenidade.*

*¡É sempre, ao declinar dessas tardinhas calmas,  
Que se abraçam as almas  
Que vivem da saúde!*

*¡E o mar, o lindo mar, em ondas espumantes  
Reproduz cambiantes  
D'ideal esplendor!*

*¡Poentes outonais, d'encanto e de magia!  
Que etêria harmonia!  
—Que poemas d'amor!*

*Agrada-me o silêncio, o místico abandono,  
Ao escurecer, no outono,  
Da luz indefinida!*

*Mas aí! Penso que a morte, o olhar fero, acerado,  
Aguarda, a nosso lado,  
O ocaso da vida!...*

Maria de Jesus.

## Ainda a Festa Popular

Expedição a Moçambique de 1916

## na Quintã do Loureiro

Para auxiliar esta interessante festa que se realizou em 29 e 30 de Outubro passado como então programas e descrição que neste jornal fizemos, dignaram-se enviar-nos as listas que para esse fim lhes tinham sido dirigidas, alguns dos nossos prezados amigos a quem só hoje enviamos em nome de toda a Comissão o nosso reconhecimento, dando-lhes assim a sua publicidade como se segue:

## DA GOLEGÃ

Eleutério Simões Carrelo	10\$00
José Dias Marques	2\$50
Manuel Marques da Silva	5\$00
António Rodrigues Migueis	2\$50
António Fernandes Tavares	2\$50
Soma.....	22\$50

## DE COIMBRA

António Dias Teixeira	10\$00
Adelino Antunes	2\$50
Clemente Duarte	5\$00
Jorge Pinto	1\$50
José Marques	2\$50
Ileziário Martins	1\$00
Alfredo Bernardino	1\$50
Amadeu Henriques Campos	2\$50
Manuel Maria Marques	1\$00
Joaquim Sousa	1\$00
José Marques Oliveira	2\$50
M. Mendes Ortêncio	1\$00
Américo R. da Silva	1\$00
Luiz Rodrigues Paiva	1\$00
Francisco Neta	5\$00
António Mateus da Silva	2\$50
Armando Euzébio	2\$50
José Rodrigues da Cruz	2\$50
José Albino Campos	1\$00
Manuel Augusto Tavares	2\$00
Jerónimo Martins	2\$00
Soma.....	51\$50

## DO BARREIRO

Ernesto Lopes	8\$00
Alexandre Laranjeira	5\$00
João Pereira	2\$50
João Rodrigues Lopes	2\$50
Arménio R. da Silva	2\$50
Manuel José da Cunha	2\$50
António Santos Lourenço	2\$50
José da Cruz	2\$00
António S. da Maia Silva	2\$50
Soma.....	30\$00

## DA MOITA DO RIBATEJO

António A. D. d'Oliveira	20\$00
Alberto Dias d'Oliveira	20\$00
Soma.....	40\$00

## DE COIMBRA

Artur Sequeira	20\$00
Manuel Tavares	20\$00
Soma.....	40\$00

## DO OLIVAL BASTO

D. Judith Barroso de Carvalho Pinho	10\$00
Total	194\$00

## A febre do... negócio

tos: produtores e principalmente produtores conscienciosos é que há poucos. A exagerada concorrência, a dentro do comércio não só provoca muitas ruínas individuais, mas também gera o mal-estar económico, perturbando a vida mercantil hodierna.

Oxalá todos os que ainda acreditam nas virtudes míficas do... comércio, pensassem muito antes de iniciarem qualquer negócio.

Evitariam numerosas decepções e prestaria um bom serviço à nação.

Mário Gonçalves Viana.

## RECORDAÇÕES DE UM EXPEDICIONARIO

(excerpto)

(Continuação do n.º 434)

Aqui é que foi o cabo dos trabalhos!

Depois de ter preenchido o impresso do telegrama que lhe foi facultado por meio de gestos, surgiu a grande dificuldade de indicar que era L.C.O., isto é, dos que pagam a metade da taxa, ficando a sua expedição sujeita à demora máxima de 24 horas.

O meu camarada falou em português, falou em francês e até me parece que em espanhol e proferiu algumas palavras em inglês; gesticulou, misturou palavras com gestos, mas não havia maneira de ser compreendido pelos loiros filhos da Albion que atendiam o público e o fixavam com atenção, interrompendo os seus serviços.

Nova dose de gestos e palavras em francês e em português, agora entremeadas de pragas, insultos e frases inconvenientes. —Oh! Diabo,—lhe dizia eu— não diga essas coisas que pode haver alguém que a compreenda! Mas... nada. Ali não havia quem *pescasse* uma palavra de português.

Os empregados limitavam-se a ouvi-lo e a acolher os ombros, pezarosos e algo pacientes, ora olhando para o telegrama que um deles já tinha nas mãos, ora olhando para o meu camarada que já suava de desespero.

Nisto entra uma velhota que, ao ver-nos, se nos dirige perguntando, na sua língua, muito contristada e iam para a guerra. Respondemos-lhe com gestos e palavras, que éramos portugueses e iam para Moçambique, o que lhe provocou palavras que me pareciam ser de eternecimento, pois morejaram-se-lhe os olhos.

Volta o meu companheiro à estacada. Novos gestos, novas palavras, novos insultos, novas frases inconvenientes, novos avisos meus de prudência, e por fim já dava saltos de raiva e impaciência ante a passividade irritante dos empregados do correio.

Estava o meu amigo já disposto a reaver o telegrama e a abandonar o edifício quando eu lhe indiquei, como último recurso, o calendário que estava à vista. Talvez que, por meio dele, se fizesse compreender.

Apresentado o calendário, o meu camarada levanta a folha que marcava o dia d'hoje, 22, aponta para o número 23 e faz os gestos de quem está a transmitir-me telegrama, e logo em seguida, e todos à uma—oh! milagre!—os empregados com grandes gestos afirmativos de cabeça, soltam um oh! de júbilo.

Tinham compreendido! Então todos nós nos rimos a bom rir, e o alferes Veríssimo, limpando o suor da testa e pescoço, até bufava de alívio e contentamento, como se lhe tivessem tirado de cima das costas um peso de cem arrobas.

E o telegrama foi pago e entregue ao empregado expedidor.

Nesta cidade a população portuguesa é diminuta. Vi à nossa chegada o cônsul Manuel de Arriaga filho; e pelas 19 horas, quando saí à cidade por 2.ª vez, dirigiu-se-me, ainda no cais, um rapaz que me disse ser natural de Ilhavo e filho do regente da filarmónica da Vista Alegre. Este rapaz indicou-me uma loja de frutas, quinquilharias etc. de um madeirense com quem falei, e a seguir aparece-nos outro português, motorista, que nos pergunta se queríamos automóvel.

(Continúa)

## Pelo concelho de Gois

## O ANIVERSÁRIO DA COMISSÃO DE MELHORAMENTOS DE CORTES DE ALVARES

A laboriosa colónia cortense residente na capital festeja hoje solenemente, no Grémio da Comarca de Arganil, o 8.º aniversário da fundação da sua prestimosa Comissão de Melhoramentos, realizando um espectáculo cujo programa, já aqui publicado, está despertando muito interesse pelos excelentes números que o constituem.

Endereçamos as nossas felicitações aos seus corpos gerentes, especializando os incausáveis regionalistas srs. Manuel Marques, Manuel A. Tavaros, Claudino Alves de Almeida e Joaquim Tomé Bandeira, pelo esforço despendido em prol da sua terra natal, e oxalá que a obra patriótica enestada continue a merecer a todos os cortenses a dedicação que a torne cada vez mais grandiosa.

Agradecemos o amável convite que nos foi dirigido para assistir à récita.

## POR AMIOSO FUNDEIRO

Sabemos bem quanto têm custado os melhoramentos que à nossa pequena aldeia a Comissão de Melhoramentos de Amioso Fundeiro procura dar. Alguns já foram realizados e o mais importante—os chafarizes—continua a ser o seu principal preocupação, trabalhando-se com afinco para que a povoação seja dotada de um benefício que é a sua grande aspiração.

Mas, também, ousamos lembrar que é uma grande necessidade fazer-se uma ponte sobre o ribeiro que liga com a ponte da Lomba, pois que temos o inverno à porta e não nos é permitido transitar para a povoação de Amioso Fundeiro sem que o perigo seja evidente.

É certo que se tem gasto muita dinheiro na mina ao cimo do Vale, para a captação de água para os chafarizes, erro esse que devia ter-se emendado a tempo, pois que se aproveitasse a mina velha, ter-se-ia evitado tanta perda de dinheiro, e já a água estaria a abastecer com abundância todo o lugar.

A verdade é que a ponte a que nos referimos é muito necessária e com a boa vontade da Comissão seria mais um melhoramento para a nossa terra.

Zé da Aldeia

## MAIS UM GRUPO

Formou-se há dias em Lisboa um grupo excursionista denominado «Os Estroinas», constituído assim: Pai da Seita, Zé da Aldeia, Linhaça, Bucha, Dá Rôlos e Esticadinho, todos naturais de Cortes de Alvares.

Foi nomeado para tesoureiro o Pai da Seita, para secretário o Linhaça, e para auxiliar o Dá Rôlos, os quais fizeram o compromisso de desempenhar com todo o rigor as suas espinhosas funções, tanto no que diz respeito aos respectivos cargos como também para desenvolvimento do grupo.

A sua sede é numa leitaria do tradicional bairro da Mouraria. Todos os seus componentes, que são alegres rapazes da mocidade cortense, aplaudiram com vibrante entusiasmo a sua inauguração, sendo ouvidas estas exclamações: —Avante rapazes! Tudo por Cortes!

Zécas

## REGRESSO

Após alguns dias de descanso em Amioso Fundeiro, regressou



## ANOS

No passado dia 28 de Novembro completou um ano de existência o galante menino Rojério Moura da Silva, filhinho do nosso assinante e bom amigo sr. Manuel Rodrigues da Silva (Salgueiral) e de sua esposa sr.ª Joana dos Anjos Moura da Silva, considerados industriais de padaria em Alcobaça.

—No próximo dia 5 completa mais um aniversário natalício o nosso amigo sr. Vicente M. C. Júnior, sobrinho do também nosso amigo e assinante sr. Artur Ribeiro da Fonseca, industrial de padaria em Louza de Cima (Loures).

—No dia 6 também completa mais uma risonha primavera a galante filhinha Vitorina do nosso amigo e primo do nosso director, sr. Vitorino Nunes dos Santos e de sua esposa sr.ª Belmira da Conceição Rodrigues, de Taboeira e residentes em Lisboa.

—Também no mesmo dia 6 completa 2 verdes anos a simpática menina Maria de Lourdes dos Santos Silva, filhinha do nosso amigo e assinante sr. João Fernandes da Silva e de sua esposa sr.ª Maria da Graça dos Santos Silva, de Mataduços e residentes em Pombal.

—Em 7 do corrente completa 7 aniversários natalícios a simpática menina Olinda Simões da Silva Canelas, filha do nosso assinante e amigo sr. João Maria Mirco, empregado na panificação de Lisboa; e de sua esposa sr.ª Rosa Simões Canelas.

—Também neste dia 7 completa 30 aniversários natalícios a sr.ª D. Maria Soares das Neves, esposa do sr. Henrique Maria das Neves, de Angeja e residentes em Lisboa.

—Em 9 do corrente completa 46 anos o nosso amigo sr. João Maria Mirco.

—Também neste dia 9, deve festejar em Lisboa, onde se encontra como vendedor da panificação, os 25 aniversários natalícios, o nosso amigo e assinante sr. Manuel Augusto Figueira de Macedo.

—Ainda no mesmo dia 9, completa 18 risonhas primaveras a simpática menina Maria Rosa Duarte Paula, filha do nosso assinante e estimado industrial de padaria em Evora, sr. António Rodrigues Paula e de sua dedicada esposa sr.ª D. Conceição Duarte Paula, residentes naquela cidade.

A todos os aniversariantes desejamos uma vida próspera.

## VISITAS

Vindo de Tomar, onde é considerado industrial de panificação, esteve em Cacia visitando seus pais na penúltima quarta-feira, o nosso estimado confrãneo e assinante sr. Porfírio Dias Teixeira, que no dia seguinte seguiu para aquela localidade.

—Também esteve há dias na Quintã, em visita a seus pais, o nosso amigo e assinante sr. Alfredo Nogueira Simões, empregado na Padaria Santo António, de Oliveira de Azemeis.

a Lisboa o nosso amigo e assinante sr. João Antão Barata, estimado empregado da Companhia Carris de Ferro.

Desejamos-lhe que tivesse uma feliz viagem.

## PEDIDA EM CASAMENTO

Na cidade de Lisboa, onde se encontra na companhia de seu tio sr. Francisco Valente Reis, foi pedida em casamento no último dia 20 de Novembro pelo sr. António Azevedo Júnior, para seu irmão Raúl Azevedo Júnior, grandes industriais de panificação na cidade de Evora, de onde o primeiro veio para tal fim, a simpática e prendada menina Valentina da Silva Reis, filha do estimado capitalista sr. Manuel Valente Reis; todos naturais da vizinha freguesia de Angeja.

Ao novo casal, que nos dizem ser brevemente, com antecedência lhes enviamos as nossas felicitações.

## ESTADAS

Vindo de Lisboa, onde é empregado na panificação, está em Cacia desde o último domingo a gosar 30 dias de licença na companhia de seus pais, o nosso assinante e amigo sr. Armando Rodrigues Branco.

## Julgamentos

Foram julgados no dia 24 do passado mês como dissemos no nosso último número, os cinco réus que por um al-gôz de Sarrazola, um de Cacia e outro da Quintã, foram arrastados a o Tribunal por andarem pescando uns peixes, alguns dos quais, como foi provado, para matar a fome a seus filhos e outros por desporto nas propriedades partieu lares da Samouqueira, de quem todo o povo de Cacia e Quintã paga contribuição ao Estado, fôro e licenças de mulçar à mais de 50 anos à nossa Junta Paroquial.

Dos cinco arguidos: Arnelim Dias Pereira, Manuel Rodrigues Branco, José Ferreira Andrade, Manuel Dias Báia e Manuel Marques de Almeida o (Marta), foram condenados os últimos 4 em 100\$00 de multa, 50\$00 de imposto de Justiça, 10\$00 ao defensor officioso e os acréscimos legais, que pelo facto das circunstâncias não o permitirem, lá vão por estes dias, pagar com o corpo na cadeia de Aveiro, a irónia dos guardas, verdadeiros pescadores. Sendo o primeiro absolvido e defendido pelo ilustre advogado sr. Dr. Arménio Martins.

Quando a meio desta audiência depunha certa testemunha de Taboeira, levanta-se o conhecido Rocha, e diz: *é mentira sr. Juiz, essa testemunha não fala verdade*: perdendo assim o respeito ao Tribunal, pois estava completamente embriagado, e em vistas disso o dignissimo magistrado deu-lhe em recompensa 3 dias de prisão, para assim pagar a *tagarellice*, sendo desejo de todo o povo ali presente, que se aumentasse aos trez dias mais uns zeros!

## Noticias da Povia e Paço

**Estadas.**—Já está entre nós desde a passada semana, vindo de Coimbra onde se encontrava numa casa de saúde da rua da Sofia, e não no Hospital da Univercidade como erradamente aqui escrevemos por informações que não eram concretas, o nosso prezado amigo sr. João Ruela de Oliveira, estimado empregado na panificação do Barreiro, que se encontra quasi completamente restabelecido da doença que tanto o tem affligido.

Abraçamos João Ruela de Oliveira, e fazemos os melhores votos para que em breve volte ao seu mister de panificador.

—Vindo de Alhandra, onde é empregado de padaria, está entre nós desde a última semana, o nosso amigo sr. João Simões Ramos, a quem apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas.

**Casamento.**—Realizou-se na passada quinta-feira o casamento da menina Maria da Glória Afonso, com o sr. João Ferrão, 1.º fogueiro da Armada Portuguesa e natural do Sol-Posto.

Ao novo casal desejamos uma longa lua de mel.

**Baptizados.**—No último domingo realizou-se na paroquial Igreja de Santo André, Esgueira, o baptizado de uma criança do sexo masculino, filho do sr. Francisco Marques e da sr.ª Rosa Gomes da Silva.

—Também na igreja de Cacia, se realizou no passado domingo o baptizado de uma criança do sexo feminino filhinha da sr.ª Emilia Vigairinho e de seu marido sr. Fernando dos Santos.—C.

## Noticias de Vilarinho

**Casamento.**—Realizou-se no último domingo o enlace matrimonial da menina Maria Augusta Dias Maia, com o sr. António Barbosa, os quais já retiraram para Lisboa onde foram afixar residência na companhia de sua tia Laurinda Simões Ferreira.

Ao novo casal os nossos parabéns.

**Retiradas.**—Com destino a Lisboa, onde é estimado vendedor da importante Padaria Brasileira, pertencente ao nosso estimado confrãneo e grande capitalista sr. Agostinho Rodrigues da Bela, retirou-se daqui a dias depois de estar uns meses na companhia de sua família, o nosso prezado amigo e assinante deste jornal sr. Manuel Rodrigues Barbosa.

—Para a mesma cidade, onde igualmente é vendedor da panificação, também se retirou daqui a dias o nosso outro amigo sr. José Dias Maia.

A ambos estes desejamos uma feliz viagem.

**Estadas.**—Vindo de Lisboa, está em Vilarinho na companhia de toda a sua família a passar umas semanas, o nosso amigo sr. Manuel Maria Simões da Silva, a quem apresentamos as nossas boas vindas.—C.

## Noticias de Angeja

**Retiradas.**—Com destino a Lisboa, onde é estimado empregado de panificação, retirou-se daqui no dia 29 do último mês, o nosso prezado amigo sr. António Simões Pinto.

—Para a mesma cidade também seguiu a dias e depois de aqui estar uns dias na companhia de sua família o nosso bom amigo sr. Eduardo Estarreja.

—Também com destino ao Barreiro, onde é estimado empregado de padaria à muito tempo, retirou-se daqui na passada semana após uns dias de estada no convívio de sua família, o nosso pre-

## NOTICIAS DE MATADUÇOS

ALBERTINA R. DOS SANTOS

**Falecimento.**—Faleceu neste lugar ás 13 e 30 do dia 28 de Novembro p. p., a saúdosa menina Albertina Rodrigues dos Santos, filhinha estremecida e unica da sr.ª Maria Rodrigues dos Santos, e do sr. Augusto Fortunato dos Santos, este ausente na América do Norte.

Era um anjo de bondade, e o enlevo dos pais que a estremeciam, e morreu quando principiava a viver. A parca implacável que tudo arrasta na sua voragem, não fazendo escolha entre pobre ou rico, novo ou velho, arrebatou-a ao dezassete anos incompletos, quando apenas começava a desabroçar para a vida, atirando-a para o tumulo. A dôr da desolada mãe junto do cadaver da filhinha, comove os corações mais impedernidos, pois já não tinha mais lágrimas para chorar.

O seu coração estalava de dôr, porque deixara de sentir o pular de um outro coração, que junto do seu, formavam um só; o da filhinha idolatrada.

O funeral da inditosa menina foi o testemunho comprovativo do sentimento que a todos deixou a sua morte.

Foi um dos funerais mais concorridos, senão o maior que aqui se tem realizado, e dele fizeram parte criaturas de tôdas as camadas sociais de diversos concelhos e freguesias circunvizinhas.

Durante o trajecto organizaram-se diversos turnos de meninas deste lugar, as quais conduziam lindos bouquets de flores artificiais e naturais, que às dezenas, eram de um aspecto surpreendente, sendo-lhe também oferecidas seis lindas corôas de flores artificiais, com sentidas dedicatórias. Conduziu a chave do caixão, o sr. Joaquim Teixeira da Fonseca, padrinho da finada.

Ao seu estremoso pai, nosso amigo sr. Augusto Fortunato dos Santos, acompanhamos na sua dor, dor enorme, dor de pai, para quem aquela filhinha era todo o seu amor, toda a sua vida, e que lá longe ao receber a infausta notícia, chocará amargamente a desventura de não poder ao menos ter recolhido o seu último suspiro.

A toda a família em crepes, aconselhamos resignação, especialmente a seus consternados pais, a quem ela de certo n'uma missão especial junto de Deus, pedirá por eles.

Tratou do funeral a competente agência funerária de Américo Dias Capela.—C.

## Casas

Vende-se umas na Viela do Poço, da Quintã do Loureiro, tendo um bom quintal com diversas árvores de fruta e vinha.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário Manuel Tavaros, Mezura — Coimbra, ou nesta redacção se informa. (1)

## "ECOS DE CACIA"

Em virtude de se ter acumulado grande quantidade de original em nossa redacção, resolvemos não publicar hoje os anúncios da 4.ª página, para a qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

zado amigo e novo assinante deste jornal sr. Carlos Dias Branco.

Para tôdos estes nossos confrãneos que bem longe da sua terra natal procuram o pão-nosso de cada dia, vão os nossos cumprimentos acompanhados com o desejo de uma feliz viagem.—C.

## REMOUES

Fala-se agora muito,—sempre se falou—na criação em Cacia duma orquestra ou capela. Que-reis um conselho? Ele aí vai: crie a orquestra, sim, mas com mul-heres, pois com homens, falta-lhes o que áquelas sobeja: o ou-vído educado. Só por causa do ouvido, mais nada. Quem fala conhece por experiência aturada.

Cremos haver em Cacia, ou talvez em Sarrazola, uma senho-ra que saiba tocar piano ou or-gão. Ora sendo assim,—e já que estamos com as mãos na massa: orquestra—porque se não há-de criar em Cacia, como ali em Es-gueira, uma orquestra feminina, ou, ou, falando mais propriamen-te, um grupo coral com o ampa-ro musical do órgão, que é uma coisa bem linda? Porque? Se as raparigas não tivessem ouvido, estava bem; mas com bom ouvi-do como eu sei que tem!...

Elas que se levem em capricho e verão como são bem sucedidas.

Façam como sim Esgueira, que não se arrependem. Quanto aos rapazes cantarem,... parecem um cortejo de zangãos! Ora, ora!...

\*\*\*

Há dias ouvi uma piada com a sua boa doze de espírito alegre e ri com vontade. Disse alguém de Angeja; então sr. Fulano, já sabe que os homens se fartaram de «bater mato» à procura de um substituto pelo menos à altura do que antes lá estava, mas, como no jogo dos namorados, le-varam sempre com a tampa? Pois é verdade! E, como não havia mais portas aonde bater, vá de se contentarem com o «fão» e é um páu! E' «fão» com letra mi-núscula, já se vê! E terminou com a seguinte frase lapidar: aquilo agora é que vai ser uma maravilha... igual à banda tão falada no seu tempo.

Eu fiquei e continue a rir.

\*\*\*

Sem que nos fosse possível sa-ber a que causa atribuir tal fe-nômeno, «ele» deu-se assim: nat-uralmente devido a qualquer subita atrapalhação, um casaco de abas largas algo compridas, ia deixando quasi, quasi, uma delas entre o batente de duas meias portas, tal era a pressa com que esse casaco ia entrando por essa porta. E' muito provável que fi-casse preso ao restante por me-nos de metade dos fios. Não nos disseram aonde o caso se deu, nem sei se o casaco ia só, ou se le-vava o respectivo recheio. E' bom, para os alfaiates terem que fazer.

\*\*\*

Entristece-nos sobremaneira certas picadelas a respeito da pouca profundidade da nessa bar-ra, quando certíssimo foi, conce-der-se espaço na mesma folha,

## PORTUGAL



Meu Portugal amigo e tentador  
Herói de grande fama mundial;  
Foste guerreiro, audaz, navegador,  
E deste luz à terra universal.

As fadas milagrosas te envolveram  
Em dōces seduções enamoradas:  
E tōdas as preces que teceram  
Te deram sortes finas delicadas.  
Todo o fulvo trabalho que tiveram  
Foi p'ra te darem grande esplendor!  
E tu, meu Portugal conquistador,  
Em frente caminhaste, heróicamente!  
Portanto viverás eternamente  
Meu Portugal amigo e tentador.

A terra onde nasceu Vasco da Gama,  
O berço de Luiz Vaz de Camões,  
O ninho de sagradas legiões  
De poetas de nobre e linda fama.  
Rincão que a nossa voz vibrando aclama  
Lembrando os grandes feitos de Pombal!  
Oh! Terra de Coutinho e de Cabral,  
Orgulho duma raça aventureira!  
Em ti nasceu D. Nuno Alvar's Pereira  
Herói de grande fama mundial.

Entre as raíñas lindas e formosas  
Que pisaram teu solo abençoado:  
Uma mudou o pão em frescas rosas  
Ante seu 'sposo ativo e desastrado.  
As tuas hostes fortes, gloriosas,  
De ti fizeram sempre o vencedor!  
Nas batalhas de turvo e mau fragor  
Brilhava altivamente, o teu 'standarte;  
Por isso eras falado em tōda a Parte...  
Foste guerreiro, audaz, navegador.

Herculano, Garrett, Guerra Junqueiro,  
António Nobre, Antero do Quental,  
Bocage o sonhador, Gomes Leal,  
Camilo o sem amigo verdadeiro.  
João de Deus e Candido Guerreiro,  
Castilho de talento genial  
Todos tiveram por torrão natal,  
Teu solo abençoado e tão fecundo!...  
Foste descobridor de todo o mundo  
E deste luz à terra universal.

Manuel Maria da Silva

## Farrapos da vida

por A. Garibaldi

Disse o poeta Afonso Lopes de Almeida: «o bem é uma ilusão».

Sim: mas é das grandes ilu-sões que nascem as grandes realidades.

Proclama o Dr. Paulo Car-ton: «Para obtermos o pró-prio perdão, é necessário co-mecarmos por o conceder aos outros».

Mas disse bem poucos se lembram.

Bacon diz que «os excessos da nossa mocidade são outras tantas conjurações contra a nossa velhice».

Certamente. Mas a mocida-de é cega. Bendita e doida ce-gueira!

Uma verdade de La Bruyé-re, com a qual não concordo inteiramente: «A sociedade foi instituída para unir os ho-mens, e as paixões políticas são as tempestades que os dispersam».

Eu penso que é a própria sociedade que desune os ho-mens. Só uma política austera e serena os poderá congraçar num anseio de Beleza e de Resgate.

Le Matrie sentenciou: «A depravação é o excesso do prazer sem o prazer».

Porém, deve haver almas que sentem prazer e felicidade na sua depravação. Ainda é o mal aquilo que mais felizes nos faz.

Um pensamento de Cousin: «O raciocínio não passa dum instrumento que tanto serve para o erro como para a verdade».

E a verdade não será mui-tas vezes um erro, também?

Kant, o formidável Kant, proclamou esta verdade subli-me: O objecto da educação é fazer desabrochar no indivi-duo tōda a perfeição de que fôr susceptível.

Sem dúvida que a vida as-sim seria bem melhor...

## Ao correr da pena...

## Incoerências da época!

Estamos numa época imen-samente distante daquela em que, os bárbaros do norte invadiram a península iberica, a França e a Itália, praticando vandalismos na sua passagem de tōda a espécie... próprios dessa época, quanto ao avan-ço da civilização que presente-mente usufruímos.

De presumir será—eu digo: será, porque mais propriamen-te deveria dizer: seria—que hoje se não assista a actos que com os desses jatrizados tem-pos se igualem. Sabes tu, lei-tor amigo, porque eu venho a lume com este relambório?

Simplemente por isto: por-que na triste época que passa, nós estamos assistindo a fac-

terra a de Cacia, aonde de inver-no já se apanham os célebres cris, cris, cris.

Seca & Meca.

tos que, mais parecendo que mais parecendo que foram des-ses recuados tempos, o estão sendo,—oh! vergonha das ver-gonhas—deste malfadado se-culo XX!!!

Queremos referir-nos aos actos levados a efeito na Ale-manha contra os judeus, só porque um judeu polaco ma-tou um diplomata alemão em Paris.

A prova de que estamos em boa e santa causa, está nos protestos que tanto das Amé-ricas como de tōda a parte, se estão levantando contra tão nefando atentado às liberda-des humanas. As raças!...

Que vem a ser isso, de ra-ças? Não são também seres que Deus criou?

Não tem direitos? Parece-nos que sim!

Pois se assim é, é em nome desses direitos, que nós, co-mo todo o mundo que, por bom se presa, também solene-mente protestamos.

Basta, nestes tempos, de maldade junta!!! Basta.

Argus.

(3) FOLHETIM DO «ECOS DE CACIA»

## O DIA'LOGO DAS ESTA'TUAS

POR

João Grave

Não, não! Há grandeza e for-mosura nesta guerra implacável como um castigo dos Deuses e que está afundando em sangue e lágrimas a Europa inteira. Os soldados que daqui partem para a fronteira, cantando e rindo em face da morte, são verdadeiros heróis.

—Sem dúvida! Mas nas guer-ras de agora, a beleza e a graça pereceram. Compara-as com as guerras de Hélade, que eram fontes de inspiração para os es-tatuários. Cada soldado, com a sua espada e o seu escudo, des-enhando enérgicamente as figu-ras plásticas no leve tecido

das roupagens curtas, era um Apolo combatendo. A atitude, a elegância das linhas corpóreas, a agilidade, imprimiam-lhe uma perfeição exterior inconfundível.

Foi de-certo, nesses soldados que se inspiraram os esculptores que cinzelaram os frisos do Par-thenon e os baixos relevos dos templos em que eu, de cima dos altares de immaculados jaspes e entre mirtos em flor e o vô das pombas, recebia sorridente as oferendas votivas dos crentes. Ah! esses templos, alvejantes no meio da folhagem dos bosques, em que perpétuamente ardia, em lampadários de prata, um óleo

muito puro!... Deste recontro colossal, em que milhões de ho-mens se destróem, não sairá uma realização nova das plásticas harmónicas.

—Mas sairão poemas, certa-mente!... Poemas em que as li-ras geniais celebrarão a glória e a doçura das pátrias redimidas, dos povos generosos e das ra-ças libertas!...

—A poesia definiu sempre a humanidade interior, ao passo que a escultura definiu a huma-nidade exterior. Ora, na Grécia antiga, na Grécia clássica e profética, tanto os imortais como as criaturas percíveis só amaram a beleza acessível aos olhos e não a que apenas entendem as almas sensíveis. É esta beleza de que falo que ninguém, por mais sub-til que seja, poderá surpreender nas árduas refregas em que os homens tombara ceifados a dis-tâncias enormes pela artilharia e pelas espingardas de alcance, ou

em que os pelejadores se escondem nas entranhas de terra, como toupeiras no seu buraco...

Ao lado, Voltaire, com uma singular mobilidade na máscara, que se iluminava nas doces pen-umbras, ria sempre sarcástica-mente, escutando o diálogo en-tre a *Vitória Aptera*, encontrada nas ruínas da Samothracia, e a *Vênus de frente enigmática e peito erecto*, que um lavrador grego desenterrou, uma tarde, num campo de trigo onde du-rante anos imemoriais a Deusa jazera sepultada. Sobre Paris, as bombas atiradas dos «Zeppelins» faziam um ruído assustador. Troa-va o canhão incessantemente.

—Aqui está uma viva imagem desta guerra inexorável em que a Europa se subverte!—conti-nuou a *Vênus de Milo*. As aves sinistras dos dirigíveis veem, pela calada da noite, abrindo as suas negras asas por cima das cida-des adormecidas, para sobre elas

atearem os incêndios, o horror, a carnificina! Nestes ataques ines-perados morrem crianças de olhar virgineo, morrem pobres mulheres fracas e amarguradas, morrem velhos que as torturas da existência e as doenças ven-ceram. Onde existe a equidade nas almas contemporâneas? Ou-trora, nas guerras que nós pu-demos contemplar, apenas se ba-tiam de peito fial e descoberto, os fortes, os enérgicos, as mocida-des varonis, os corações va-lentes. Os gládios não atingiam, nas lides épicas da luta, traiçoei-ramente, os indefesos, os sem culpa, os débeis, os que ainda não tinham vivido ou os que de tanto viverem já se curvavam para o chão...

—Os tempos eram outros!

(Continúa)